

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXV



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1986

DOI: [https:// dx.doi.org/10.14195/1647-8657_25_17](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_25_17)

ISSN: 0084-9189

RECENSÃO

Enrique Cerrillo MARTIN DE CÁCERES, *La vida rural romana en Extremadura*.
Servicio / Servido de Publicaciones de la Universidad de Extremadura. Cáceres,
1984. 148 p., ilustrado. [I.S.B.N.: 84-600-3711-8].

Não se trata de um livro sobre a vida quotidiana dos agricultores romanos nem de um manual de arqueologia rural. É, sobretudo, uma história da agricultura na Extremadura espanhola; um primeiro ensaio de síntese do que se sabe, os problemas que se levantam à investigação, as hipóteses de os resolver. Uma reflexão levada a cabo pelo autor como membro da equipa que, no Departamento de Pré-História e Arqueologia da Universidade de Extremadura, tem como um dos seus objectivos científicos procurar explicar, sem tabus, sem preconceitos e sem complexos de inferioridade, «a vida campesina e os comportamentos agrários fortemente arraigados na região e ainda hoje nela vigentes» (p. 13).

Em linguagem acessível, E. Cerrillo mostra, no I capítulo (p. 19-45), como, desde os tempos pré-históricos, se originou a exploração agrária na Extremadura. O II capítulo aborda as fases da romanização e as transformações paulatinas que ela foi introduzindo: os primeiros estabelecimentos rurais romanos (p. 52-65), a partir dos limites mais afastados dos termos urbanos, e a segunda fase da ocupação rural que já supõe «um autêntico ordenamento territorial» (p. 75).

No cap. III, *Os Sítios* (p. 81-126), E. Cerrillo não apresenta, como o título poderia fazer supor, um catálogo das *villae* estremenas ou a sua caracterização arquitectónica individualizada. Aproximando-se muito embora de um esquema descritivo de tipo arqueológico, começa por referir os factores que levavam à escolha da localização das *villae* (por exemplo, as caracte-

risticas dos quatro elementos — ar, água, terra e trabalho — como diz Paládio), para descrever depois «as esferas de actividades nos assentamentos rurais romanos» (p. 88-103), «a produção agrária» (p. 103-108), «proprietários, servos e colonos» (p. 108-119) e terminar com uma panorâmica sobre a introdução do Cristianismo (p. 119-126) que, em seu entender, poucas ou nenhuma transformações acarretou à vida agrária:

«O Cristianismo — escreve E. Cerrillo — não quebrará os moldes tradicionais do campo, já que precisamente os três produtos básicos do cultivo — trigo, vinha e oliveira — serão, até certo ponto, sacralizados mediante a sua utilização simbólica como pão e vinho na missa e óleos para as unções» (p. 124).

Livro de bolso, *La vida rural romana en Extremadura* é ilustrado com desenhos elucidativos e o Autor utiliza muitas vezes as páginas da direita para incluir (em lugar das notas infrapaginais) textos referentes aos temas em análise, boa parte deles retirados dos agrónomos latinos. Cumpre, pois, em nosso entender, a finalidade que se propôs: apresentar uma primeira síntese acerca das questões levantadas pela agricultura peninsular ao tempo dos Romanos / Romaios. Não respondendo — porque não era essa, aliás, a intenção — à problemática teórica em tempos sistematizada por Jorge Alarcão para uma zona, o Alentejo, bastante semelhante à Extremadura espanhola (*Sobre a economia rural do Alentejo na época romana*, «Conimbriga», XV, 1976, p. 5-44), resposta que, de resto, só a escavação total e sistemática de uma *villa* pode fornecer — como esperamos venha a fornecer a que se levou a efeito em S. Cucufate (Vidigueira) — o Autor soube evitar a tentação (assaz frequente) de acumular dados sobre dados, para privilegiar a reflexão globalizante que leva em linha de conta não somente os testemunhos arqueológicos mas que, ao invés, os interpreta à luz dos dados antropológicos e etnográficos — para uma verdadeira etnoarqueologia da vida rural (cap. IV — p. 129-135).

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO